

TRADUZIR MARCUSE: O HOMEM UNIDIMENSIONAL

Rafael Cordeiro Silva

Na década de 1960, o filósofo Herbert Marcuse torna-se conhecido em terras brasileiras. Fora daqui, seu nome havia se consolidado há mais de dez anos. Mas foi justamente nessa década, por estar relacionado aos movimentos de protesto nos Estados Unidos e Europa, que suas ideias ganharam a notoriedade que lhe proporcionou reconhecimento para além dos círculos filosóficos e sociológicos. Desde 1955, quando publicou *Eros e civilização*, seu pensamento atingiu a maturidade intelectual, que fez com que ele se tornasse nome de referência nas discussões sobre a teoria da sociedade.

No Brasil a recepção do pensamento de Marcuse foi tardia. O conturbado contexto político e social da segunda metade da década de 1960 é o cenário em que chegam ao país as primeiras traduções do filósofo. Vêm a lume o já mencionado *Eros e civilização*, o *Marxismo soviético*, *O fim da utopia*, *Materialismo histórico e existência* e *A ideologia da sociedade industrial*. Na década de 1970 aparecem as obras *Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade*, *Contrarrevolução e revolta* e *Razão e revolução*.

É surpreendente que a entrada de Marcuse no Brasil tenha se dado nos anos do regime militar. A publicação dessas traduções parece contraditória com a diretriz da política nacional, tendo em vista a repressão ao pensamento e à política militantes de esquerda nesse período. Mais ainda, dentre os representantes da chamada Escola de Frankfurt, foi Marcuse o filósofo que mais teve material traduzido para o português nessa época. Suas obras divulgadas no Brasil, se medidas com os poucos textos de Adorno, Horkheimer e Benjamin aparecidos na mesma época, deram-lhe uma suposta proximidade que hoje sabemos ser bem menor do que a de Horkheimer e, notadamente, de Adorno. Quanto a este, é importante registrar que o teor de suas reflexões pareceria ser bem menos suspeito à censura, pois o acentuado tratamento estético dado à sua teoria da sociedade transpareceria a imagem de um filósofo “inofensivo” à ideologia da segurança nacional.

O aspecto mais notório é o fato de um pensador ligado à esquerda ter escapado quase ileso à censura então existente.¹ Pode-se especular sobre as razões disto. É

¹ O único registro de censura que se conhece ocorreu em 1972, na tradução de *Contrarrevolução e revolta*. Há uma nota de rodapé que foi suprimida da tradução. Nela

possível que o filósofo tenha transparecido uma posição ambígua em suas obras. Por um lado, o *Marxismo soviético* é uma crítica à União Soviética e à sua apropriação de Marx; por outro, *O homem unidimensional* é uma crítica à política belicista norte-americana e ao estado de bem-estar social que dá suporte ao intervencionismo dos Estados Unidos no mundo. Dentro da mesma lógica de raciocínio, *Eros e civilização* é a discussão de sua teoria da mudança social a partir da apropriação de Freud, o que faz com que a perspectiva da transformação social esteja permeada de conceitos psicanalíticos que eclipsam a discussão sobre a base política que daria nascimento a uma sociedade não-repressiva. Assim, pode-se sustentar que o aparecimento de traduções das obras de Marcuse, pouco tempo depois de lançadas nos Estados Unidos ou na Alemanha, veio a calhar com as necessidades de um público ávido por um tipo de literatura crítica mais à esquerda, que não se assenta imediata ou totalmente em nenhuma das posições ideológicas capitaneadas pelas superpotências que nos anos 1960 dividiram o mundo em dois blocos: o comunista e o capitalista. Por isso, quase nunca estas traduções foram destinadas a estudiosos do pensamento de Marcuse. Divulgar o pensamento do autor foi mais importante do que estudá-lo acuradamente. Se isso foi preponderante para o aparecimento de vários títulos do autor, esse fato, por outro lado, acabou por comprometer a qualidade das traduções.

As duas obras de Marcuse mais lidas foram *Eros e civilização* e *A ideologia da sociedade industrial*, ambas publicadas pela Zahar Editores do Rio de Janeiro. Com o fechamento da editora, no início da década de 1980, apenas *Eros e civilização* foi mantida em catálogo por outra editora.

A ideologia da sociedade industrial teve seis edições entre 1967 e 1982. A partir da quarta edição brasileira de 1973 foi acrescentado o subtítulo “O homem unidimensional”. Este é, na verdade, o título original da obra cujo subtítulo é “Estudos da ideologia da sociedade industrial avançada”.

O fato de o nome de Marcuse estar associado aos movimentos de protesto dos anos 1960, inclusive no Brasil, trouxe-lhe a pecha de ser um filósofo datado, ou seja, restrito ao momento político destes protestos. Isso serviu de mote para a crítica de suas ideias. Tomaram o particular pelo universal, como se o filósofo tivesse seu pensamento restrito unicamente à defesa das rebeliões de minorias e suas lutas por direitos sociais e

Marcuse critica o episódio em que os artistas do *Living Theater* foram detidos no Brasil por conta da conotação essencialmente política de sua arte. Na mesma nota, Marcuse expressa sua solidariedade com o grupo, a despeito de sua crítica à concepção estética do *Living Theater*. Cf. Herbert MARCUSE. *Counter-revolution and revolt*. Boston: Beacon Press, 1972, p.113.

políticos. A impertinência da crítica à obsolescência das ideias do filósofo parece estar refletida no desaparecimento de suas obras no Brasil. Apenas *Eros e civilização* e *Razão e revolução* continuaram a ser publicadas após 1982. Nos Estados Unidos e Alemanha, passados os momentos de protesto que catapultaram seu pensamento, Marcuse continuou a ser referência para gerações mais novas de intelectuais, que com ele debateram ou nele se inspiraram. Várias foram, inclusive, suas entrevistas e, vale ressaltar, o filósofo permaneceu produtivo até bem pouco antes de sua morte, ocorrida em julho de 1979.

Da parte de quem sempre manifestou apreço pelas ideias do autor, conhecendo-as por seus desdobramentos conceituais e suas relações com a tradição filosófica e com o pensamento de esquerda, as queixas relativas a seu esquecimento ficaram registradas, sobretudo na introdução aos dois volumes de *Cultura e sociedade*, coletânea surgida na segunda metade da década de 1960 e que reuniu escritos aparecidos ao longo de trinta anos, mas que chegou ao Brasil trinta anos depois. Ou seja, ao público brasileiro foi dado o acesso a textos sexagenários. Nessa introdução, Wolfgang Leo Maar comenta a injustiça cometida contra o pensamento de Marcuse, que foi preterido na Coleção “Os Pensadores”, no volume dedicado à Teoria Crítica.²

É justamente esse esquecimento que a referida tradução quis interromper, ao permitir ao público de língua portuguesa o acesso aos primeiros escritos do filósofo. A leitura dos volumes torna manifesta suas preocupações iniciais e permite visualizar o quanto suas obras da década de 1960 estão em conformidade e coerência com os primeiros escritos. Essa mesma perspectiva se imiscui numa outra tradução saída em 1999 – *Tecnologia, guerra e fascismo*, que reúne textos inéditos do autor ou editados em obras de autoria coletiva e há muito esgotados. O livro é o primeiro volume de uma série de seis que apareceram entre 1999 e 2014 – infelizmente o único até agora vertido para o português.

O homem unidimensional ganha agora uma nova tradução e por outra editora. Apesar de ser um livro escrito no contexto da Guerra do Vietnã, da Guerra Fria e da divisão do mundo entre as duas nações mais poderosas do planeta – contexto bastante específico da década de 1960 – suas ideias não caducaram. Marcuse dedica-se ao estudo da relação entre a corrida armamentista norte-americana e o Estado de Bem-estar Social e de como ambos moldam a ideologia intervencionista dos Estados Unidos. O inimigo

² Cf. “Introdução” de Wolfgang LEO MAAR. “Marcuse: em busca de uma ética materialista”, p.9.

declarado foi a expansão do comunismo. Hoje, em uma conjuntura internacional em que desapareceu o perigo do comunismo, outros inimigos foram criados para legitimar a mesma ideologia intervencionista: o islamismo radical e suas consequências exemplificadas pelo avanço do Taleban, o ataque suicida às duas torres gêmeas do *World Trade Center* de Nova Iorque, o terrorismo internacional, as supostas armas químicas do Iraque e o desenvolvimento de tecnologia nuclear por Irã e Coreia do Norte.³

Um dos temas importantes de *O homem unidimensional* é a continuidade da repressão tornada possível pelo desenvolvimento tecnológico. Marcuse considera que as formas de organização hodiernas, sobretudo disseminadas e consolidadas pelos Estados Unidos, valem-se do desenvolvimento tecnológico como fator ideológico-político de legitimação. Essa tendência da sociedade industrial avançada está em contradição com a defesa entusiasta do autor sobre o desenvolvimento das forças produtivas e dos meios de produção, que fez com que ele muitas vezes enxergasse na tecnologia um fator de libertação humana. Essa esteira da tecnologia como fator de libertação é buscada no jovem Marx dos *Grundrisse*⁴ e, vez ou outra, ecoa nos escritos de Marcuse.

É o desenvolvimento tecnológico que pode preparar o salto para o qualitativamente novo, a saber, uma forma de organização social em que toda obsolescência fundada no trabalho alienado e na necessidade de labuta incessante seja superada em favor de uma existência pacificada dos seres humanos consigo mesmos e destes com a natureza. Esse é o pressuposto do romantismo que habita o pensamento de Marcuse.⁵ Por isso, criticar a ideologia da sociedade industrial norte-americana não significa recusar a tecnologia no que ela permite – entre outros o conforto – mas no que ela envolve – o fato de que suas conquistas tenham sido utilizadas para anestesiar a consciência sobre a possibilidade de uma existência pacificada e diferente daquela em que os homens necessitem trabalhar até quase a morte e acreditem viver em um país inteiramente livre, que deveria ser modelo de organização técnico-econômica para o restante do planeta. Sob esse aspecto a tecnologia e o conforto tornaram-se

³ A propósito dos novos inimigos dos Estados Unidos, vale como indicação o documentário de Michael Moore, *Fahrenheit – 11 de setembro*.

⁴ Há uma tradução brasileira dos *Grundrisse*, publicada conjuntamente em 2011 pelas editoras Boitempo de São Paulo e UFRJ do Rio de Janeiro.

⁵ Sobre algumas influências do romantismo no pensamento de Marcuse Cf. Robespierre de Oliveira. As afinidades eletivas: Marcuse e Benjamin. In: http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2010/10/mesa-34/oliveira_mesa_34.pdf Acesso em 17/02/2015.

impedimentos de libertação: nas palavras do autor, tornaram-se forças de contenção. Essa é uma das chaves de leitura de *O homem unidimensional*, o que evoca sua atualidade.

Os tradutores não partilham a opinião de que o pensamento de Marcuse está obsoleto. Acreditam, ao contrário, que sua obra merece ser estudada mais detidamente, muito mais agora quando os supostos motivos que teriam justificado o seu aparecimento se exauriram. A discussão filosófica sobre a tecnologia é bastante atual e as contribuições da Teoria Crítica para o assunto não devem ser desmerecidas ou engavetadas sob a acusação de serem tecnofóbicas. Devem, de modo inverso, ser explicitadas e dissecadas, de tal forma que seja possível ver as diferenças entre os seus mais significativos representantes. E *O homem unidimensional* é um capítulo importantíssimo para discussão da tecnologia no ideário do autor.

A tradução de *O homem unidimensional* quer retomar uma perspectiva trazida à luz na segunda metade da década de 1990, quando quatro livros inéditos do autor saíram em português; quer também, como já dito, resgatar uma obra de importância capital no pensamento Marcuse. E quer fazê-lo atentando para a necessidade de correção de erros da tradução anterior. Nesse intuito, esbarra, entretanto, em uma limitação: por ser uma tradução feita a seis mãos, tornou-se um desafio e correu o risco de amalgamar forçadamente as características de cada um dos que nela trabalharam. Afinal, traduzir é interpretar e cada um dos três tradutores emprestou ao seu trabalho uma parte de seu imaginário e de sua apropriação da teoria crítica do autor. Um desafio a mais, desta vez para o revisor – também um estudioso do pensamento de Marcuse – cuja incumbência foi, além do seu ofício regular, padronizar as vicissitudes das traduções e tentar “conciliar” as três cabeças pensantes que aceitaram a incumbência de traduzir a obra. Fica, portanto, a expectativa de que o livro possa permitir ao público lusófono o acesso à riqueza do pensamento do filósofo.